

A TENDA DO CONTO COMO POSSIBILIDADE DE ENCONTRO ENTRE SERVIÇO, ENSINO E COMUNIDADE

The story tent as possibility of encounter between service, teaching and Community

Marta Savana de Sousa Lima¹

Laís Leal da Silva Bezerra²

Antônio Vladimir Félix-Silva³

Thainara de Araújo Farias⁴

Cristina de Sousa Alves⁵

Diogo Galeno Soares⁶

Jamille Rodrigues da Silva⁷

Artigo encaminhado: 15/03/2016

Aceito para publicação: 13/12/2017

RESUMO: Este artigo traz o relato de uma experiência cartográfica em psicologia e processos grupais por meio da realização de uma Tenda do Conto, objetivando mapear as afetações dos participantes com essa experiência e analisar modos de subjetivação em saúde mental que se configuram nos contos narrados por psicólogas em formação e por profissionais e usuários de um CAPS. Utilizou-se a experimentação da Tenda do Conto para a produção do encontro como experiência cartográfica, pensando o processo grupal como um dispositivo de articulação entre arte, cultura e saúde mental; além do uso da arte relacional como estratégia, considerando os contos e os objetos de afecções por meio dos quais os participantes produziram seus contos como ferramentas de arte relacional entre usuários, profissionais e estudantes. Escolheu-se a cartografia como metodologia do encontro e a análise de conteúdo como estratégia metodológica para analisar os contos. A partir desta experiência, os resultados mostram, além da aproximação ensino-serviço-comunidade, a construção e vínculos entre psicólogos e psicólogas em

¹Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Piauí. Integrante do Grupo de estudo Análise Institucional e Cartografia. E-mail:marthasavana@gmail.com

²Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Piauí. Integrante do Grupo de estudo Análise Institucional e Cartografia. E-mail:siallael@gmail.com

³Doutor em Ciências Psicológicas pela Universidade de Havana (Cuba), psicopedagogo pela Escola Psicopedagógica de Buenos Aires (Argentina) e pedagogo pela Universidade Regional do Cariri (Brasil). Professor dos cursos de medicina e psicologia da Universidade Federal do Piauí/Campus Parnaíba. E-mail:wladylafelix@gmail.com

⁴Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Piauí. E-mail:thainarafarias@gmail.com

⁵Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Piauí. E-mail:alvescristina407@gmail.com

⁶Graduando em Psicologia da Universidade Federal do Piauí. E-mail:k-diogo-soares@hotmail.com

⁷Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Piauí. E-mail:jamillesilva0707@gmail.com

formação, profissionais e usuárias e usuários do Centro de Atenção Psicossocial. Concluiu-se com esta experiência cartográfica que a arte e a Tenda do Conto contribuem para o reconhecimento do grupo de participantes como dispositivo e que os contos apontam para a problematização da rede de atenção psicossocial e para a necessidade de espaços de convivência para as pessoas com sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Saúde Mental. Reforma Psiquiátrica. Atenção Psicossocial.

ABSTRACT: This article presents the report of a cartographic experience in psychology and group processes through the accomplishment of a Tent of the Tale, aiming to map the affections of the participants with this experience and to analyze modes of subjectivation in mental health that are configured in the stories narrated by psychologists in formation, professionals and users of CAPS. The Tent of Tale experimentation was used to produce the encounter the cartographic experience, thinking the group process as a device for articulating art, culture and mental health; the use of relational art as a strategy, considering the stories and objects of affections through which the participants produced their stories, the tools of relational art among users, professionals and students. Cartography was chosen as methodology of the meeting and content analysis as a methodological strategy to analyze the stories. From this experience, the results show, in addition to the teaching-service-community approach, the construction and links between psychologists and psychologists in training, professionals and users and users of the Center for Psychosocial Care. It was concluded with this cartographic experience that the art and the Tent of the Tale contribute to the recognition of the group of participants as a device and that the stories point to the problematization of the network of psychosocial attention and to the need of spaces of coexistence for the people with suffering.

Keywords: Mental Health. Psychiatric Reform. Psychosocial Attention.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é um relato de experiência cartográfica em psicologia e processos grupais, produto de um trabalho por meio do qual se buscou conhecer profissionais e usuários do Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II, em Parnaíba – PI, a partir de rodas de conversa realizadas durante cinco visitas e da experimentação de uma Tenda do Conto no *campus* da UFPI. Os objetivos dessa articulação ensino-serviço-comunidade: mapear as afetações dos participantes com a experiência cartográfica e analisar modos de subjetivação em saúde mental que se configuram nos contos narrados por

psicólogas e psicólogos em formação e por usuárias e usuários com sofrimento psíquico.

Sabemos por meio da leitura de Foucault (2002), que no Ocidente, até meados do século XII, imperava um sistema de exclusão e recusa à loucura; parcialmente, esse fenômeno “era admitido no tecido da sociedade e do pensamento” (p. 236). Mas, a partir dos meados do século XVII, a loucura pousou a ser vista como perigosa e anormal e o louco passou a ser completamente excluído por “um sistema fundado sobre a força policial” e o “estabelecimento de um método de internamento” (p. 236). Sendo assim, o Estado tomava para si a responsabilidade de distanciar o louco do restante da sociedade com o argumento de que isso garantiria a ordem e o bem-estar de todos.

De acordo com Michel Foucault e Erving Goffman (*apud* ROSA; VULHENA 2012), durante o século XIX, o grande Hospital, – pensado por Philippe Pinel para tratar a loucura e socializar os loucos (TORRE; AMARANTE, 2001), – se transformou em um lugar extremamente violento, no qual os loucos eram submetidos a condições sub-humanas. A pedagogia da loucura fracassou e louco se torna objeto de conhecimento da psiquiatria que passou a focar uma lesão orgânica, tendo como consequência a normalização da loucura como doença mental.

No Brasil, é conhecida, por quem participa dos movimentos sociais e da luta antimanicomial, a história do Colônia (ARBEX, 2013), o maior hospício brasileiro, localizado na cidade de Barbacena-MG, também reconhecido como “holocausto que atravessou a maior parte do século XX (...) pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia” (BRUM, 2013, p. 13).

No contexto brasileiro, a problematização desse modelo manicomial, inicia-se no final dos anos 1970 e prossegue ao longo dos anos 80, com a Reforma Psiquiátrica que defendia a humanização da atenção à saúde mental, visando mudanças no tratamento das pessoas com sofrimento psíquico (HIRDES, 2009). Com a implementação a reforma psiquiátrica se deu a diminuição dos leitos manicomiais e iniciou-se a desinstitucionalização da loucura; assim, as pessoas com sofrimento psíquico passaram a ter acesso aos serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, a saber: Centro de Atenção

Psicossocial (CAPS), Serviços Residenciais Terapêuticos e o programa “De Volta para Casa”.

A implantação do primeiro CAPS se deu em São Paulo, no ano de 1986 (RIBEIRO, 2005). E em 2001 foi instituída a Lei 10.216, que permite o financiamento dos "Serviços Substitutivos" e focaliza a atenção psicossocial nos serviços de base comunitária (TENÓRIO, 2002).

Dentro dessas novas perspectivas de cuidado e atenção em saúde mental de base comunitária, a arte surge como ferramenta por sua função poético-política, que diz respeito respectivamente a sua potência criadora e problematizadora dos contextos em que se faz. Aqui se destaca a arte relacional descrita por Bourriaud (*apud*, HOLZER; RAUEN, 2011) como uma proposta artística que requer o envolvimento ativo do público com a obra, dessa forma artista e espectadores tornam-se protagonistas e confundem-se. Essas produções podem ou não conter objetos relacionais, em relação aos quais “o sentido do objeto depende de sua experimentação” (ROLNIK, 2002).

A Tenda do Conto, que se implica como prática integrativa dessa experimentação cartográfica, emerge como dispositivo de articulação de arte, cultura e saúde mental. Nesse sentido, consideramos os objetos de afecções da Tenda do Conto, por meio dos quais os participantes fazem seus contos, como objetos relacionais (ROLNIK, 2005). Assim sendo, os participantes podem, nesse processo de narrar-se, devir grupo sujeito (BARROS, 2013).

2 METODOLOGIA

A cartografia é uma metodologia ou um modo de fazer pesquisa que propõe transformar-se para conhecer. Ou seja, é preciso deixar-se afetar pela experiência do conhecimento ao invés de agarrar-se a perspectivas já preestabelecidas (PASSOS; BARROS, 2009).

Esta experiência cartográfica em psicologia e processos grupais visava aproximação entre psicólogos e psicólogas em formação com a temática da saúde mental e a experimentação da articulação ensino-serviço-comunidade. Para compor essa experiência, escolhemos a cartografia como metodologia do encontro e, como estratégia metodológica, a realização de uma Tenda do Conto no *campus* da UFPI, pensando cada conto também como objeto de arte relacional entre usuários, profissionais e estudantes.

A Tenda do Conto realizada contou com a participação de 8 mulheres e 3 homens, usuários do CAPS, um psicólogo e uma assistente social acompanhantes e dois professores de psicologia e 32 alunas e 9 alunos. Na transcrição dos contos os seus nomes foram alterados para garantir o anonimato dos participantes.

Nessa perspectiva, essa prática integrativa grupal se configura como produção de um espaço de alteridade e como metodologia participativa possibilita troca e circulação de saberes permeados de sensibilidade, afeto e de construção de vínculos.

A Tenda do Conto é realizada de maneira simples, por meio de um convite solicita-se ao participante que ele leve um objeto que lhe traga uma memória afetiva ou uma história que ele queira contar, ou caso não possa levá-lo pode ir e pegar um dos objetos que estejam à disposição na tenda para fazer seu conto a partir dele. O cenário é montado como se fosse uma sala de visitas, com uma cadeira no centro, e uma mesa decorada com os objetos que remetam a lembranças levados pelos participantes e coordenadores. Os participantes são recebidos e acolhidos. E quem se sentir à vontade, pode se sentar na cadeira e contar seu conto a partir do objeto que lhe afeta.

3 DISCUSSÃO

Circulam em meio a nós certo número de invisíveis. Silenciosos ou silenciados. Causando-nos profunda inquietação e medo. Contraditoriamente, são coloridos, moventes e vivos. Mas possuem em seu jeito de ser no mundo algo de peculiar que podemos simplesmente chamar de diferença. A diferença põe em cheque nossas crenças, nossas verdades. Isso porque às vezes traz consigo um jeito de ser e agir desvinculados dos costumes estabelecidos socialmente. Diz o que quer dizer e sente com os sentidos e não com as normas.

Em Psicologia e Processos Grupais, surgiu uma oportunidade de aproximação ensino-serviço-comunidade, de maneira que psicólogas e psicólogos em formação pudessem se aproximar dessas diferenças e realizassem práticas integrativas grupais. Com interesse pela temática da saúde mental a equipe decidiu ir ao encontro dos serviços de saúde mental que

estivessem ao alcance. E depois de algumas visitas, abriu-se a possibilidade de vivenciar a atividade no *campus* da UFPI, da cidade de Parnaíba-PI.

Antes de realizar o contato direto com as pessoas que frequentam o serviço tivemos a primeira roda de conversa com o corpo profissional do CAPS II, que estava composto por uma psicóloga e um psicólogo, um educador físico, uma assistente social, uma enfermeira, uma terapeuta ocupacional, duas técnicas em enfermagem e a coordenadora de saúde mental de Parnaíba. Nesse encontro, abriu-se a possibilidade de colocar em prática uma Tenda do Conto. Determinada a prática, iniciaram as visitas de contato para estabelecer vínculo entre os usuários e os membros do grupo.

O contato com os usuários nos colocou de frente e de mãos dadas com a diferença, uma bastante estigmatizada: a loucura. No entanto, deixando de lado o que supostamente sabíamos e abrindo-se ao encontro, para só assim saber melhor a respeito de outrem (BARROS, 2013) deparamo-nos com algo completamente surpreendente: uma loucura que acolhe e clama por acolhimento, com usuárias e usuários em condições de vulnerabilidade expressando afeto e desejo de reconhecimento como sujeito de direito. Foram realizadas ao todo cinco visitas com rodas de conversa antes da realização da Tenda do Conto.

O estranhamento inicial, provocado pelos olhares distantes; falas nem sempre ordenadas e certas reações apáticas foi substituído por uma enorme empatia mútua, que de início nem pensaríamos ser possível. Mas a saída do lugar de “doutores” nos deu a possibilidade de encontrá-los como são e como somos. De devir sujeito no coletivo. Isso porque na bagagem levamos a tensão de sermos psicólogos e psicólogas em formação. Uma das cartógrafas em formação, chamada num canto por uma usuária do serviço tremeu por todos nós diante da possibilidade de não saber reagir às demandas que surgissem. Depois de alguns minutos, percebeu que só precisaria ouvir. Uma voz silenciada por tanto tempo, desacreditada pela maioria e infelizmente negligenciada por uma sociedade que não abre espaços de convivência.

Foi então realizada a Tenda do Conto numa sala de aula da universidade. Isso por acreditar que essa experiência poderia proporcionar muitas construções e desconstruções a toda a turma. Pois como propõe Deleuze (*apud* BARROS, 2013) após um encontro com o outro, tornamo-nos

como uma massa incansavelmente batida, que já não igual ao início do processo.

No dia marcado para ser realizada a Tenda do Conto, buscamos as pessoas no CAPS II. Algumas estavam animadas, outras nervosas. Tentou-se deixá-las o mais à vontade possível para expressar seus afetos sem preocupar-se com as que lá estariam.

Ao todo foram onze usuários, além de três profissionais, transladados para a UFPI. Ao chegarmos ao campus da universidade, coube às cartografas em formação o trabalho de acompanhar o grupo até a sala de aula. Descemos, formamos mais ou menos uma fila e seguimos. De repente, percebemos que estávamos sozinhas, distanciadas dos usuários e usuárias. Para além do peso no corpo e de um lento caminhar, efeitos ou não da digestão pós-almoço e do uso de psicotrópicos, estavam a mapear o trajeto e a experimentar sensações de desconfiança, medo e certa ansiedade, cuja tradução da diferença entre esse estranhamento e o estrangeiro (comunidade universitária) foi feita logo após adentrar o espaço da Tenda por meio de questionamentos que estavam se fazendo: “vinha me perguntando como vamos entrar na universidade, se não temos formação?”; “algumas pessoas que estavam no corredor ficaram curiosas; outras lançaram um olhar estranho, parecia que não eramos bem-vindas”. Os processos de semiotização cartografados ao andar – velocidade, ritmo e postura corporal – também dizem do ser no mundo e com o mundo, como interage, enfrenta e experimenta o encontro com o outro, o espaço e os objetos. Apesar de tão simples para nós, a pequena atitude de voltar e seguir na mesma marcha que os demais, nos deu a primeira oportunidade de sair de nós mesmos para encontrá-los como usuários guias. Aproximamo-nos de um jeito singular. Promovendo uma desindividualização, que significa sair de si para encontrar o outro em nós, em seu contexto e território subjetivo (BARROS, 2013).

A intrigante caravana seguia alegre e ao mesmo tempo exitosa. Saudava os transeuntes que estranhavam tanta simpatia vinda de pessoas desconhecidas. Para os membros da trupe, no entanto eram eles os estranhos – e um tanto mal-educados. Esse estranhamento mútuo revela que a diferença não tem espaço e nem circula pela cidade. É nesse sentido que a ideia de realizar a atividade na universidade promove uma desconstrução de um

suposto lugar do louco, o seu lugar torna-se o mundo. E no relato de alguns usuários e usuárias percebemos que mesmo vivendo há muitos anos na cidade, nunca haviam entrado nesse espaço. E mostraram-se temerosos por não terem uma “formação”.

Ao adentrarem a universidade os usuários e usuárias romperam muros imaginários, no entanto bastante rígidos, que os excluem, ou pelo menos os escondem, da sociedade. E essa ruptura é justamente o que propõe a concepção de clínica política (PASSOS, 2013) que eles nos ajudam a compor quando participam ativamente do processo de problematização de sua condição e das razões pelas quais a sua entrada na universidade é tão estranha. Ao compartilharem seus contos e produzirem troca de afetações com profissionais e acadêmicos eles deixam margem para a análise dos processos de subjetivação em arte, cultura e saúde mental.

No percurso alguns faziam perguntas sobre nossa vivência no *campus*. Fomos relatando que além de estudar realizávamos algumas refeições, encontrávamos os amigos e lidávamos com a saudade de casa. Ficamos impactados com esse processo de enunciação: “A universidade é pra vocês o que o CAPS é pra gente”. Percebe-se que o CAPS para eles não é só o lugar de tratamento, mas um lugar de socialização e, possivelmente, de produção de vida. Isso provocou certa consternação, pois para eles aquele é talvez o único lugar. Demonstrando que é preciso desconstruir as representações que existem sobre pessoas com sofrimento psíquico, de maneira a possibilitar-lhes espaços de convivência e melhor qualidade de vida.

Ao longo da Tenda do Conto somem os rótulos e todos são participantes. Todos se tornam contadores. Aqui nossas “lidas” diárias não são tão diferentes. Os sofrimentos e medos que trazemos não são próprios dos doentes e sim dos humanos. Assim compartilhamos a dor, a saudade, a perda, o luto e a solidão bem como alegrias, lembranças e amores. Mas fica evidente que para além de uma conjuntura biológica, fisiológica, subjetiva e individual existem diferenças sociais, econômicas, políticas, ambientais, educacionais, dentre outras que são tão condicionantes de adoecimentos quanto às primeiras. E isso tira o foco do individual e sua esfera privada e amplia para o seu contexto. Essa perspectiva difere de outras em psicologia, pois não julga o sujeito como única fonte de seus transtornos psíquicos.

A arte é uma possibilidade humana que tem a capacidade de transcender os indivíduos, e traz em si uma potência transformadora imensurável. Ela aproxima mesmo os elos mais distantes da corrente chamada humanidade, como o “louco” e o “normal”. Observamos isso de maneira concreta no conto de Lina que não hesitou em escolher um pandeiro e um cavaquinho como objetos de afecção. Ela soltou a voz cantando livremente canções que lhe ajudavam a enfrentar o dia a dia. A música enquanto expressão artística, para Lina, se apresentou como auxílio e fonte de vida, potencializando até mesmo seu tratamento. O mesmo pôde-se observar no canto tímido de Juca que se aproximou da cadeira, pegou decididamente o pandeiro, emitiu alguns sons acompanhados de baixa voz – como quem canta para si mesmo – e em seguida, despediu-se.

Na narrativa de outra participante, Lua, ficou evidente o abandono e falta de apoio familiar por parte do irmão, responsável pelo seu cuidado, quando ela se queixa que ele não conversa com ela, apenas deixa a comida e ainda debocha de sua doença. Também no sofrimento que ela passa por ter uma filha, de 22 anos, que está longe e por não possuir vínculos com a mesma. Essa solidão provoca uma angústia que a leva a pedir um copo de água para as pessoas “vizinhas” apenas para ter com quem conversar.

“Eu vivo sozinha, tenho um irmão, mas ele não fala comigo e me deixa em um quarto, só passa lá pra deixar o prato de comida no chão e vai embora para o trabalho. Tenho uma filha que mora em Brasília, ela tem 22 anos, eu tenho o número do celular dela e peço pra todo mundo ligar pra ela, eu queria muito conversar com ela, eu sou muito sozinha, queria falar com a minha filha, mas eu não tenho crédito no celular. Às vezes, eu saio na rua e bato na porta dos vizinhos pedindo um copo de água, eu falo que na minha casa não tem, porque eu queria alguém só pra conversar comigo”.

Esses processos de subjetivação demonstram a sede que ela sente de socialização, de afeto e de atenção. E que o abandono, na situação de depressão que ela se encontra, acaba lhe adoecendo ainda mais. Ao pedir um

copo de água para interagir com alguém ela busca por algo que lhe produza saúde mental.

Uma participante, que se chama Ana, estudante de psicologia, trouxe uma caneta para contar sobre seu pai. Que trabalhou em um cartório por muitos anos, o único da sua cidade à época. E trazia sempre no bolso da camisa social uma caneta, para qualquer eventualidade. Foi lembrando-se da personalidade tranquila e serena do pai, que com a chegada da idade passou a sofrer de uma espécie de demência, perdeu parte das memórias, esquecendo-se até dos filhos. O seu conto trouxe à tona a saudade das conversas com o pai e a tristeza e as dificuldades de cuidar dele depois do problema. Aqui, vemos como a presença familiar é importante para os sujeitos. Como essas pessoas deixam profundas marcas afetivas, mesmo que nem sempre positivas, que permanecem durante muito tempo, além de nos ajudar a formar nossa própria individualidade. O afeto mostra-se como uma necessidade desse bicho social que é o humano.

Em seguida veio compartilhar um dos usuários de nome Tião. E foi uma enorme surpresa, pois os todos o conheciam como alguém tímido e que raramente fala em público, principalmente diante de pessoas desconhecidas. Não falou muito, apenas se apresentou e contou que gostava muito de participar do CAPS e dos amigos que havia conhecido lá. Ainda assim foi um grande avanço.

Em seguida ouviu-se o conto de Vânia, usuária do serviço, que falou sem tirar seus óculos escuros causando grande comoção nas psicólogas e nos psicólogos em formação:

“Eu vou falar sinceramente, eu trouxe aqui meu objeto que é a minha carteira de cigarros porque é ela que me ajuda a enfrentar a depressão, eu tenho depressão, eu sou uma pessoa triste, desde que o meu marido morreu, eu já tentei me matar algumas vezes... Eu não tenho vontade de sorrir, me desculpem vocês, mas eu não tenho muita alegria, não consigo sorrir muito, e além de tantas tragédias na minha família eu hoje tomo muitos remédios durante o dia e ainda ajudo a cuidar da minha mãe e do meu irmão que também são pessoas doentes e precisam tomar muitos remédios. Eu era fumante de quarenta cigarros por dia, hoje com a ajuda do psicólogo do

CAPS, o Rui, a gente tá tentando diminuir essa quantidade mais um pouco”.

Percebemos o grau de assujeitamento do corpo à medicalização da vida, efeito do saber médico e do poder psiquiátrico contemporâneo. Vânia disse que não conseguia sorrir, mas mostrou grande determinação ao sair do seu lugar para contar um pouco da sua história. Em seu conto, observamos como os usuários confiam nos profissionais que trabalham com eles e como é possível existir sensibilidade na articulação da rede de atenção psicossocial.

Não obstante, pelo relato de Isa, podemos notar que apesar do avanço nos serviços de saúde pública, ainda há carência da articulação em rede entre eles para produção de saúde do cotidiano, pois ela mencionou que encontrou o psicólogo no Centro de Referência e Assistência Social – CRAS e ele recomendou que ela fosse ao CAPS II, mas só um ano depois ela realmente chegou ao serviço. Essa problemática da referência aponta para a necessidade do matriciamento. Isa também contou com alegria que considerava todos no Centro de Atenção Psicossocial II como membros da sua família, pois com a ajuda deles ela vinha conseguindo superar sua depressão.

“Eu encontrei com o Rui lá no CRAS quando eu comecei a sentir que estava doente, eu tenho depressão e ele me recebeu, me ouviu e me disse que eu deveria procurar o CAPS, ele me explicou o endereço direitinho, mas eu não fui, só depois de um ano quando eu estava muito pior é que procurei o CAPS e lá quem foi que eu encontrei de novo? eu encontrei o Rui de novo, não é mesmo Rui? [vira-se e olha para o Rui sentado na roda] então a gente conversou e eu comecei a ir lá no CAPS todo dia e hoje eu gosto de todo mundo lá no CAPS, pra mim eles são a minha família, eu me sinto muito bem lá, eles gostam de mim e eu gosto deles”

Ao encerrar a tenda, conversamos com o psicólogo do CAPS, descobrimos que a experiência foi muito rica. Não só no campo das vivências, mas também como fonte de informações sobre os usuários e usuárias do serviço. Foram descobertos parentes, talentos, gostos, afetos, partes da

história de vida que ainda estavam obscuros para os profissionais e que poderiam facilitar a articulação com outros dispositivos de atenção e cuidado em saúde bem como possibilitar intervenções terapêuticas. Esse profissional acrescentou ainda que valorizava muito essas iniciativas da universidade por proporcionar a circulação dos usuários em outros espaços que não seja o CAPS e que essas vivências traziam para eles razões para sair, se arrumar, compartilhar, viver. Esse desabafo foi um alívio para o grupo, pois era uma preocupação saber quais seriam os benefícios da Tenda do Conto para os usuários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência foi muito enriquecedora para todos e funcionou como uma imensa troca de aprendizados. Proporcionou aos psicólogos e psicólogas em formação entrarem em contato com a temática da saúde mental e o funcionamento de um CAPS II, além da mobilização de diversas problematizações a respeito dos serviços, da importância da articulação em rede e da criação de espaços de convivência, bem como dos desafios da profissão. Permitiu que os profissionais do serviço tivessem contato com uma nova estratégia de intervenção e cuidado, além de acesso a novas informações sobre os usuários e as usuárias, reafirmando a potência da arte e da cultura com estratégias de intervenção na saúde mental. Para os usuários a experiência potencializou o estabelecimento de vínculos, circulação de afetos e mobilização de recursos para o desenvolvimento da sua autonomia.

Desde o início, este trabalho teve a intenção de possibilitar trocas de histórias e de saberes. Nessa perspectiva, este relato de experiência pretende contribuir para ampliação de espaços de convivência, inclusive na universidade, a partir do trabalho com arte cultura e saúde.

Encerramos com uma poesia da autoria de um dos cartógrafos, produzida a partir dos contos que mais afetaram a equipe.

Um grito louco

Um grito louco, rouco

Estrondoso, mas sem ninguém me ouvir

Penoso, doloroso, expressa em meu rosto

*A angústia que venho a sentir
De 12 em 12 horas
Em um minúsculo tabloide
Premido prensado dosado
100 mg de um falso cuidado
Me levam o estertor embora
O conforto que sinto agora
É apenas um sintoma temporário
Embora em um breve intervalo
Afirma o domínio eminente
De um corpo cansado que sente
Que o sonho nunca vem com o sono
Que as chagas de um abandono
Se tornam uma cicatriz permanente*

REFERÊNCIAS

ARBEX, D. *Holocausto brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BARROS, R. B.; *Grupo: a afirmação de um simulacro*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2013.

BRUM, E. (2013). Os loucos somos nós. In: ARBEX, D. *Holocausto brasileiro* (13 - 17). 3. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

FOUCAULT, M. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise* (232 - In: M. B. Motta (Org.). Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2002

HOLZER, D. C.; RAUEN, M. G. “A bondade de estranhos” de Mauricio Ianes e a estética relacional. VOOS. Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá. V. 3 Ed. 02 . p. 14-25. Caderno de Letras – Estudos Linguísticos, 2011.

HIRDES, A. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 1, p. 297-305, 2009.

PASSOS, E., Apresentação: Quando o grupo é afirmação de um paradoxo. In BARROS, R. B.; *Grupo: a afirmação de um simulacro* (p. 11 - 19). 3. ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2013.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa intervenção. In PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do*

método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.
Porto Alegre: Sulina, p. 17-31, 2009.

ROLNIK, S. *Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea* (2002).
Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10571/7862>.
Acesso em 05 mar 2013.

ROLNIK, S. *Breve descrição dos Objetos Relacionais.* (2005) Disponível em
http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/quarar_a_alma.pdf Acesso em 03 mar
2013.

ROSA, C. M.; VULHENA, J. de. Do manicômio ao CAPS: Da contenção (im)
piedosa à responsabilização. *Barbarói*, n. 37, p. 154 - 176, Santa Cruz do Sul,
jul-dez 2012.

RIBEIRO, A. M. Uma reflexão psicanalítica acerca dos CAPS: alguns aspectos
éticos, técnicos e políticos. *Psicologia USP*, v. 16, n. 4, p. 33-56, 2005.

TENÓRIO, F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias
atuais: história e conceitos. *História, Ciências, Saúde*. v. 9, n. 1, p. 25-59,
Manguinhos, 2002.

TORRE, E. H. G.; AMARANTE, P. Protagonismo e subjetividade: a construção
coletiva no campo da saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 6, n. 1, p. 73-
85, 2001.